



Amazônia que a gente conhece¹

Vanessa Brasil de Carvalho²

Graziella Câmara Mendonça³

Larissa Ribeiro Bezerra⁴

Raphael Pacheco Silva Neto⁵

Maria Ataíde Malcher⁶

Universidade Federal do Pará, PA

RESUMO

“O que vem na sua mente ao pensar sobre a Amazônia?” Foi esse o ponto de partida deste trabalho, que tinha como objetivo discutir a questão das populações urbanas da região amazônica e a sua visibilidade na mídia. A partir da produção de um vídeo, com entrevistas realizadas em uma das maiores cidades da região – Belém (PA) – buscou-se mostrar como a ideia de que a Amazônia é construída quase que exclusivamente de riquezas naturais está enraizada na população da região, deixando as suas populações urbanas (que foi o público entrevistado) à sombra, se não invisíveis. Essa proposta de produto foi ainda moldada para ser incluída dentro de um projeto maior, que visou apresentar um pouco mais sobre a TV Digital, simulando o seu uso e mostrando um pouco das suas opções.

PALAVRAS-CHAVE: Amazônia, populações urbanas, invisibilidade, audiovisual, TV Digital.

A Amazônia que vem à mente

A ideia de produzir o vídeo “Amazônia que a gente conhece” surgiu durante a primeira aula da disciplina “Temas Amazônicos I”, ministrada pela professora Rosane Steinbrenner⁷. Tudo começou em uma ‘inocente’ dinâmica de sala de aula, que revelou a imagem distorcida que nós, estudantes acadêmicos, assim como a maioria da população do país, temos da região Amazônica.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Comunicação Audiovisual, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, da Universidade Federal do Pará – UFPA, email: vanessabr_carvalho@yahoo.com.br

³ Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, da Universidade Federal do Pará – UFPA, email: graziellacmendonca@gmail.com

⁴ Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, da Universidade Federal do Pará – UFPA, email: lrbcomunicacao@gmail.com

⁵ Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, da Universidade Federal do Pará – UFPA, email: rpacheco.com@gmail.com

⁶ Professora doutora do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal do Pará, que ministrou a disciplina de Laboratório de Televisão para a turma de Comunicação Social - Jornalismo do ano de 2007, no quinto semestre do curso, em 2009 e orientadora do trabalho. Email: aataidem@yahoo.com.br

⁷ Professora Doutoranda Rosane Steinbrenner ministrou a disciplina ‘Temas Amazônicos I’ para a turma de Comunicação Social 2007 da UFPA, no quinto semestre do curso, em 2009.



A pergunta proposta na dinâmica da professora era simples: o que vem à sua mente quando ouve a palavra Amazônia? Silêncio na sala. Todos nós refletimos por um instante e começamos a rabiscar palavras em nossos cadernos. Em seguida, cada um verbalizou o que havia imaginado. Como nossa mestra já esperava, “floresta”, “animais” e “rios” foram algumas das palavras mais recorrentes. A professora anotou todos os termos no quadro.

A partir deste resultado, o “verdadeiro” significado da palavra Amazônia foi se configurando para cada um de nós. Juntos, começamos a notar que a região em que vivemos é muito mais do que fauna, flora e rios. É também formada por prédios, avenidas, carros, poluição, trânsito, violência urbana, enfim, elementos que constituem grandes metrópoles, como a própria Belém.

A representação do espaço amazônico é cunhada pela noção do *exotismo*, revertido em *estranhamento* ou *encantamento* diante da ‘terra incógnita’ – esta, entendida, repetidamente, como fonte disponível de riquezas naturais para a solução de problemas externos – sejam lusitanos no passado distante; nacionais, a partir das políticas desenvolvimentistas dos anos 70 ou globais, diante das noções de biodiversidade e sustentabilidade planetária, na atualidade. (Rosane Steinbrenner, 2007:1)

Ao mesmo tempo, nos era proposto pela disciplina Laboratório de Televisão ministrado pela Professora dra. Maria Ataíde Malcher⁸, que pensássemos em um projeto audiovisual a ser realizado durante metade do semestre em que a disciplina era ofertada.

O que aconteceu, então, foi que nós utilizamos a idéia de uma disciplina para abordá-la em outra. A aula inaugural de “Temas Amazônicos I” foi, dessa forma, a gênese do nosso vídeo para o Laboratório, que tinha a intenção de produzir um material que pudesse mostrar aos espectadores o lado urbano da nossa Amazônia.

Para isso, pensamos em utilizar um humor refinado e a ironia visual para mostrar a visão distorcida que os próprios habitantes da Amazônia possuem e que, inclusive, era compartilhado por nós, mostrando como a:

“A centralidade ambiental tende a promover a invisibilidade de grupos humanos, em especial as populações urbanas da Amazônia. (...) Esta aparente invisibilidade, desses segmentos populacionais como que neutraliza, na medida em que tende a ‘naturalizar’, a escassez de políticas voltadas a melhorar os dramáticos indicadores sociais das cidades amazônicas”. (Rosane Steinbrenner, 2007:1)



A ironia

A ironia seria um ponto chave do nosso vídeo. Não fomos às cegas para as filmagens, mas já esperávamos um determinado tipo de resposta: as mesmas que a nossa turma apresentou. Então, esbarramos na dificuldade de ser irônico e claro ao mesmo tempo. Era um ponto a se pensar.

Tudo o que sabíamos até o momento era que deveríamos evidenciar o seguinte paradoxo: como pessoas que vivem em uma grande cidade Amazônica alimentam o estereótipo de que a região é tão somente composta por floresta, rios e índios?

A necessidade de se produzir uma enquete foi uma unanimidade entre nós. Tínhamos que perguntar às pessoas, cara a cara, o que elas pensavam da região. Para tal, decidimos que esta enquete seria realizada em movimentadas avenidas de Belém, para que ficasse evidente de onde aquelas pessoas falavam - do centro de uma das maiores cidades amazônicas.

As perguntas foram elaboradas intencionalmente, com o objetivo de extrair dos entrevistados a imagem que elas tinham da região Amazônica. Possivelmente eles diriam que a Amazônia é um paraíso de florestas, fauna, enfim, de riquezas naturais. Tal hipótese foi confirmada posteriormente.

No projeto, nós deveríamos mostrar a “Amazônia que a gente conhece”, ou seja, a floresta, os rios, os animais, a natureza em geral. E, depois, a partir das respostas da enquete, fazer o contraste com a ‘Amazônia’ em que vivemos, que não é aquela composta somente por esses elementos naturais - normalmente lembrados quando se fala na região. A “Amazônia em que a gente vive”, ao contrário, possui elementos de outras grandes cidades do mundo, como prédios, trânsito, comércio, etc.

A Amazônia que a gente conhece na TV Digital

Nosso primeiro projeto para o vídeo sobre a Amazônia foi pensado e organizado nos moldes da “TV aberta”. No entanto, quando o grupo do ABC Digital propôs que fizéssemos um programa grande, que incluiria os outros produtos da turma, aceitamos o desafio de trabalhar com algo que ainda não conhecíamos: a TV Digital.



Então, nos foram repassados leituras sobre TV Digital. A professora Ataíde nos indicou uma bibliografia e, a partir dessas leituras, poderíamos adaptar o nosso primeiro projeto do vídeo sobre a Amazônia para a realidade da TV Digital. E aí nós encontramos grandes dificuldades: como mudar o vídeo para um formato ainda desconhecido? O que modificar, mas sem tirar o sentido e a ironia essenciais em nossa ideia? O que incorporar ao produto sem deixá-lo incompreensível?

É claro que estávamos também cientes de que, muito provavelmente, não faríamos um projeto em que a TV digital fosse perfeitamente observada. E esse foi o desafio: tentar fazer um programa que chegasse o mais perto possível do conceito. E, caso não atingíssemos esse objetivo, o produto seria o que muitos já estão fazendo hoje: tentando chegar lá.

Assim, faríamos a “mistura” da TV aberta de hoje com a TV Digital (TVDI), pois “em nenhum momento um estágio evolutivo substitui o anterior; a evolução sempre foi lenta e gradual, agregando-se paulatinamente ao modelo anterior.” (Aloysio Filho, 1997: 34). E ainda “é possível visualizar e afirmar que essa primeira geração de programas da TV Digital vai ter como desafio adaptar a velha programação aos novos recursos” (Crocomo, 2004:146).

Até porque:

“a televisão tem uma linguagem consolidada e os aplicativos interativos devem respeitar essa linguagem tal qual ela é conhecida hoje pelos telespectadores. Isso não significa que a linguagem vai sempre ser a mesma, mas os aplicativos devem ser inseridos respeitando a forma como as pessoas reconhecem a televisão.” (Crocomo, 2004: 75)

Nesse período, todos os outros grupos também se debatiam com tais questões e dificuldades e, ainda, tentava-se fazer a pauta para o dia das gravações – já que não podíamos perder tempo. Todos os trabalhos produzidos pela turma foram realizados em parceria com a Academia Amazônia⁹ e era necessário conciliar a agenda da produtora com os horários da turma. Dessa forma, nossas externas eram marcadas para não coincidir com outras duas turmas que estavam utilizando os cinegrafistas e os

⁹ Produtora de vídeo da Universidade Federal do Pará que dá suporte às atividades de audiovisual da Faculdade de Comunicação da instituição e se dedica à divulgação da ciência e da cultura na região Amazônica.



equipamentos, e o mesmo acontecia com os nossos dias na ilha de edição. O trabalho em equipe, portanto, era de extrema importância entre todos os grupos¹⁰.

Como o nosso projeto possuía um encaminhamento mais direto, nós conseguimos guiar a pauta para o que nós queríamos mais rapidamente. O nosso vídeo já tinha uma lógica a ser seguida: a Amazônia ‘tradicional’ – da natureza –, depois as entrevistas, e em seguida mostrar como nós vemos a região de uma forma muito restrita com um humor característico. Faltava ‘apenas’ saber como fazer os links entre esses tópicos!

Em decorrência da nossa ideia já ter essa lógica pré-definida, conseguimos elaborar um ‘pré-pré-roteiro’ do vídeo quase que juntamente com a pauta para as gravações. Atividades essas que tiveram auxílio da monitora Ana Juliana Fontes, que nos ajudou no trabalho, mas nos deixou com liberdade o suficiente para realizar mudanças no projeto inicial.

Por “mudanças” entende-se a adaptação do vídeo para a TV Digital.

Incluímos, então, propagandas dentro do roteiro do vídeo, pensando nas possibilidades de maior liberdade do telespectador com a multiprogramação da nova TV. Pensamos, dessa forma, em durante as filmagens nas ruas da cidade de Belém, já acrescentar determinados locais em que o merchandising fosse notório e, assim, incluir patrocinadores (fictícios) do programa.

Também pensamos em colocar mensagens SMS de telespectadores (também fictícios) na tela para mostrar a (teórica) participação do público no programa, exemplificando a interatividade e a participação do mesmo, já observadas na TV aberta de hoje e que poderão ser ampliadas na nova TV. Porém, durante a edição, essa opção não se mostrou satisfatória, como iremos contar mais adiante.

Dessa forma, fomos o primeiro grupo a concluir a pauta, o pré-roteiro e sair para as gravações.

O dia ‘D’

Pauta de gravação do projeto em mãos. Equipamentos no carro da Universidade. “Tem que ser hoje”, pensamos. Os depoimentos das pessoas sobre a Amazônia eram a essência de nosso documentário, tudo precisava sair conforme o planejado.

¹⁰ A turma era formada por quatro grupos, cada um responsável por um programa: Amazônia que a gente conhece, Bike Som, Celular e ABC Digital (que engloba todos os outros produtos).



Estávamos com medo, pois durante toda a semana não havia parado de chover e, com chuva, as nossas externas ficariam, no mínimo, difíceis de serem realizadas. Mas tivemos sorte. O dia amanheceu bonito, e nos dividimos para chegar ao local das gravações.

No caminho para Doca de Souza Franco¹¹, primeira avenida em que faríamos a externa, a professora corrigiu a pauta das gravações. É claro que havia erros, e nós não nos surpreendemos com isso: era nossa primeira pauta de TV realmente.

A equipe foi dividida em um diretor, dois produtores e um repórter, além do cinegrafista e do assistente de câmera que nos acompanhavam. A professora e a monitora Maíra de Cássia Evangelista, também nos acompanharam, e nos deram algumas dicas durante a gravação. Depois da Doca, nos dirigimos para a Avenida Presidente Vargas¹², onde também fizemos imagens da nossa Amazônia urbana.

Foram nessas externas que aprendemos que idéias não são tão fáceis de serem realizadas quando a personagem é alguém que você precisa encontrar no meio da rua em uma agitada manhã de quinta-feira. Alguns obstáculos eram naturais e até já esperados: a timidez e relutância de alguns entrevistados, o excesso de extroversão de outros, as respostas sem nenhum sentido e aquelas que queriam ‘encontrar o sentido de todas as coisas’.

Nesse dia descobrimos que certas coisas não estão em programação alguma. A senhora de oitenta e tantos anos que já tinha morado em um seringal, o eletricitista que quase não parou de trabalhar mesmo durante a entrevista e só conhecia a Amazônia que “via na televisão”, a estudante que “nunca esteve na Amazônia”, o vendedor de incensos que adotou um nome indiano e conhecia paraísos ecológicos. E tantas outras pessoas que quase nos fizeram acreditar que a ‘Amazônia é mesmo um lugar distante’.

Novamente, lembramos que a idéia de Amazônia despovoada está no imaginário das pessoas que vivem dentro e fora da região, e essa impressão é consolidada e reiterada pela mídia globalizada de hoje. Isso porque o senso comum que “alimenta o imaginário sobre a região é, portanto, a imposição de sentido sobre o que vem a ser a ‘Amazônia’, para que e a quem serve tamanha riqueza natural, em grande parte ainda por ser revelada”. (Rosane Steinbrenner, 2007)

¹¹ Av. Visconde de Souza Franco, também conhecida simplesmente como Doca. A movimentada Avenida de Belém, é conhecida pelos prédios de luxo, grande fluxo de veículos e presença de grandes redes de lojas.

¹² Av. Presidente Vargas centro comercial da cidade de Belém. Concentra alguns órgãos públicos e atrações turísticas, mas é mais conhecida pela presença do comércio popular.



Além dessa, as imagens de trânsito, dos ônibus lotados, dos engarrafamentos também refletiram essa vida caótica dos belenenses, e os prédios da Avenida Presidente Vargas com seus milhares de moradores e visitantes marcam o forte comércio da região.

Então, após a manhã inteira de gravações, estávamos com entrevistas realizadas, as imagens da tal “Amazônia urbana” capturadas, e os equipamentos recolhidos.

Sensação de alívio, prazo cumprido, abraços, cumprimentos, parabéns a equipe. Tudo correu bem (era o que a gente pensava). Tomamos o rumo de nossas casas, trabalhos ou onde quer que o dia fosse continuar. Mal sabíamos que o pior ainda estava por vir. E viria em três sutis palavrinhas: ‘roteiro de edição’.

O roteiro

Começamos então a nos preparar para a edição do vídeo. Precisávamos de imagens da “Amazônia Floresta”, que queríamos mostrar; das nossas entrevistas; e, principalmente, de um roteiro bem “amarrado” para que transparecesse a nossa idéia, chamando a atenção do espectador.

“A explicação mais sensata para roteiro é: preestabelecer e registrar de forma escrita uma ordem lógica das cenas para montagem de uma filmagem. Tudo o que será dito, (...) toda a situação ou trama tem de estar previamente preparado e ordenando para que desperte interesse” (Aloysio Filho, 1997: 125)

No roteiro, deveríamos trabalhar fazendo relações entre as falas dos personagens e as imagens criando no público a expectativa ‘do que viria a seguir’. Essas relações seriam baseadas na ironia e na contraposição de imagens. Enquanto a personagem falasse sobre florestas, por exemplo, o vídeo mostraria imagens da Amazônia urbana. Mas isso era ainda só uma idéia.

Então, fomos ao trabalho.

Mas antes, era preciso cumprir um passo decisivo do processo: a decupagem. Era o momento de conferir atenciosamente as imagens que havíamos capturado, verificar se as sonoras estavam boas e, o mais importante: fazer uma lista com o *timecode* das sonoras e imagens. Este último trabalho se tornou um pouco mais fácil, pois já havíamos feito a pré-decupagem no dia da captura das imagens.

Então nos dividimos para procurar as imagens de arquivo da “Amazônia Floresta”, e para decupar as fitas do nosso dia de externa. Na decupagem, fomos



ajudados pela monitora Ana Juliana, que nos ensinou a utilizar o equipamento e indicou as melhores maneiras para realizar o processo.

Ao ver as imagens no monitor, a primeira sensação foi de encantamento. Tínhamos algumas imagens bem-feitas e boas sonoras. Com Juliana, revimos todas as imagens feitas, e marcamos as que poderiam ser usadas, já pensando no roteiro a ser preparado. Como para muitos de nós este era o primeiro contato com o meio audiovisual, a empolgação era grande. Porém, com o passar do tempo, fomos notando alguns probleminhas, que se evidenciariam na hora de editar o material.

Já com a monitora Maíra de Cássia Evangelista, procuramos fitas que poderiam nos dar imagens da floresta amazônica. E eram muitas. Os arquivos da Academia Amazônia nos forneceram tudo que precisávamos.

Fitas decupadas, imagens selecionadas: hora de construir o roteiro que levaríamos à edição. Tínhamos que pensar, então, em como encadear a “Amazônia Floresta” e a “Amazônia Cidade”, a partir das nossas gravações e das imagens de arquivo, em um roteiro organizado, especificado e claro. “Ao ler o roteiro, o editor tem que perceber na hora qual é a idéia do grupo”, havia dito, certa vez, a professora Maria Ataíde. Portanto, tínhamos que nos esforçar, e muito.

Juntos, começamos a escrever aquilo que iria guiar o processo da edição. Logo de cara, vimos que a nossa idéia inicial, de contradizer as palavras com as imagens, não ia vingar, pois poderia ficar confuso. Concluímos que o melhor era reestruturar o nosso “documentário”.

Dessa forma, seriam duas partes:

Parte 1: No primeiro momento, seria mostrada a “Amazônia que a gente conhece” – rios, árvores, exuberância, animais, índios, etc. Em seguida, entrariam as sonoras dos entrevistados, confirmando que a sociedade tem uma visão estereotipada da região, como se a região fosse constituída apenas pela natureza.

Parte 2: A segunda parte do documentário revelaria, através de imagens e narração *em off*, aspectos da ‘invisível’ Amazônia urbana.

Idéia na cabeça, hora de passar para o papel. Uma das maiores dificuldades neste momento do processo foi adequar a mensagem à linguagem do audiovisual, principalmente no que se refere ao texto a ser lido no *off*, já que a informação na TV



funciona a partir da relação texto/imagem (Paternostro apud Crocomo, 2004: 79). Além disso, evitar cacofonias, linguagem rebuscada e frases em ordem invertida eram algumas das preocupações que deveríamos ter e fazer com que

“... texto e imagem caminhem juntos, sem um competir com o outro: ou o texto tem a ver com o que está sendo mostrado ou não tem razão de existir, perde a sua função. O papel da palavra é dar apoio à imagem e não brigar com ela” (Paternostro apud Crocomo, 2004: 79).

Então, após muitas alterações e dificuldades, eis que conseguimos chegar ao ‘*off* e roteiro final’. Ou melhor, o que achávamos ser o roteiro final. Pouco tempo depois, descobrimos que estávamos longe da finalização.

Quando achávamos que o trabalho estava terminado, a professora Ataíde revisou nosso texto. Falhas na linguagem, texto jornalístico demais, “pronto para ser lido pela “Fátima Bernardes””. Frases longas e cheias de informação transformavam nosso *off* em uma verdadeira chatice. Depois do crivo da professora, o papel ficou riscado de cima a baixo, para o bem do nosso documentário.

Fizemos as alterações necessárias no texto e respiramos fundo. Era chegado o momento de lapidar com cuidado a nossa pedra ainda bruta.

O parto

Após as filmagens, a decupagem e a elaboração de roteiros, chegou a hora de entrarmos na tão falada “Ilha de Edição”. A edição teria que ser muito bem feita e criteriosa, pois ela é quem daria forma ao nosso produto.

O editor de audiovisual Bruno Toscano foi quem guiou o processo. O nosso primeiro dever, enquanto alunos, era mostrar a ele o que queríamos daquele vídeo. Além disso, explicamos o propósito do laboratório de fazer produtos para a TV Digital, já que éramos os primeiros a entrar na Ilha. Após a necessária introdução, começamos o trabalho.

Primeiro passo: passar as imagens da fita para o computador da edição. Como já tínhamos decupado a fita, sabíamos mais ou menos onde estavam as imagens que seriam necessárias para o vídeo. Apesar de aparentemente simples, esta foi uma etapa complicada, pois percebemos que a nossa decupagem tinha algumas falhas. Também passamos para o computador as imagens de arquivo que havíamos coletado.



Imagens, sonoras, entrevistas, tudo armazenado no computador. Era o momento de começar a trabalhar e organizar o nosso vídeo. Usando o programa de edição ‘Premier’ (foi esse mesmo?), o editor começou a inserir as imagens cronologicamente, na linha do tempo, conforme a ordem do roteiro.

Começamos, então, a adentrar no universo das transições, conhecer os significados e inserções dos ‘*fades*’, ‘*zoom*’, ‘*tituleiras*’, ‘*time code*’ e outras expressões do audiovisual. Descobrimos que, para trabalhar com televisão, é preciso muita atenção e paciência. Acompanhávamos todos os movimentos do nosso editor, dando opiniões, sugestões ou até mesmo discordando do que era executado. Nesse sentido, percebemos o quanto é importante dar ouvidos ao que o editor tem a dizer, às suas opiniões e também sugestões. Ali, na edição, ele é quem tem experiência, que sabe o que determinado efeito pode causar ou que uma escolha mal feita pode transmitir ao expectador. O editor tem sempre com o que contribuir.

Aos poucos, percebemos que quando os membros do grupo não entram em acordo, é preciso ir pela maioria e aí sim, entrar em consenso. O trabalho não pode atrasar, afinal, uma manhã inteira na Ilha de Edição tem um custo elevado para a Universidade.

Tivemos também um cuidado especial com as sonoras dos entrevistados. Não podíamos alterar o sentido de suas falas simplesmente para que se adequassem ao que procurávamos, ao que queríamos ouvir, e ao significado que pretendíamos produzir com elas. Era importante editar a fala do entrevistado de forma atenciosa, pois eram um ponto-chave para o entendimento do programa. Em algumas, tivemos que ajustar o áudio ou algum outro detalhe.

Para alinhar nosso vídeo com a proposta da TV Digital, pedimos ao editor que evidenciasse fachadas de lojas, farmácias, supermercados e outdoors de forma proposital. Pensamos em uma publicidade subliminar, “anunciando” indiretamente algum produto ou marca.

Outra intenção do grupo era inserir, durante os programas “Amazônia que a gente conhece”, mensagens de texto SMS que teriam sido enviadas pelo expectador e/ou usuário da TV Digital. Contudo, na edição, vimos que o recurso não ficaria esteticamente agradável. Além disso, pelo fato do vídeo ser curto, as SMS poderiam desconcentrar, tirar a atenção do expectador, da mensagem do programa. Assim, optamos por não usar o recurso.



Na ‘ilha’, enfrentamos alguns problemas. Um deles foi a escassez de imagens em alguns momentos, por uma falha na nossa “produção” em procurá-las. Na segunda parte do vídeo, por exemplo, eram necessárias imagens de reservas minerais, siderúrgicas, ou outras relacionadas ao tema, pois no texto do *off* essas atividades foram inseridas e deveríamos cobrir o texto com essas imagens. Só percebemos a falta delas durante a edição. A opção foi procurar, de novo, em fitas da Academia Amazônia imagens que preenchessem a lacuna que faltava. Todo este trabalho seria evitado se tivéssemos ajustado esses detalhes antes de ir para a edição. Descobrimos que, antes de entrar na Ilha, é fundamental analisar o roteiro e indicar todas as imagens que serão necessárias.

Outra dificuldade que tivemos na edição foi em relação ao *off* do programa. A aluna Graziella Mendonça foi escolhida para gravar a narração do vídeo. Entretanto, encontrou dificuldades para na entonação de sua voz. Mesmo com a ajuda de monitores e colegas, a narração estava muito jornalística para o programa, e essa não era a intenção do vídeo. Após algumas tentativas frustradas, o grupo decidiu mudar o narrador. A escolhida foi a aluna Larissa Bezerra, que o fez sem muitos problemas.

Os últimos ajustes e a expectativa

Enfim, finalizado, fomos assistir o vídeo e ver se havia ficado tudo certo, como queríamos que ficasse. E é claro que ainda eram necessários alguns ajustes. Havia um desnível no áudio do vídeo e as fontes usadas nas tituleiras não nos agradaram muito, além da dúvida entre um parêntese ou um hífen para separar uma legenda.

Fomos ver a opinião da professora Ataíde. Ela concordou com as nossas sugestões de mudanças, com apenas uma ressalva para a alteração de fonte: “Levem a fonte já escolhida para o editor”. A professora sugeriu, ainda, que nós separássemos o vídeo em duas ou três partes, para dar a idéia de seriado, onde cada parte teria sentido em si mesma. Isso ainda tendo em vista a possível alinearidade da TV digital, que nos permitirá ver programas fora da ordem tradicional “início-meio-fim”.

A outra sugestão da professora foi em fazer a abertura e o fechamento dessas partes do vídeo com um mosaico de imagens na tela, onde haveria vários quadradinhos com imagens diversas da Amazônia, seja ela urbana ou ‘floresta’. Esse mosaico seria construído quadradinho por quadradinho, que se ‘dissolveriam’ no início e ao final, antes dos créditos.



Voltamos para a ilha de edição.

Fizemos os ajustes de áudio, mudamos a fonte das tituleiras e resolvemos o problema de pontuação, que eram os mais simples e evidentes. Depois, pensamos em como dividir o vídeo em partes que tivessem sentido ‘sozinhas’, e o separamos em dois. Optamos por não dividir em mais partes para não perder o sentido do todo. A primeira parte ficou com a Amazônia floresta, e a segunda, com as entrevistas e a Amazônia urbana, com a nossa idéia central.

A partir dessa idéia, construímos, então, três vídeos: o inteiro, com todas as partes completas; o segundo, somente com a parte Amazônia Floresta; e o terceiro, com a Amazônia Urbana.

Porém o vídeo ‘veiculado’ no programa conjunto ABC Digital foi o vídeo completo, pois, como a decisão de dividi-lo aconteceu na sua finalização, não foi possível adaptar o projeto do grupo ‘ABC’ para essa última mudança. No entanto, os vídeos subdivididos estão disponíveis no DVD para serem assistidos separadamente.

Quanto à idéia do mosaico na abertura e no fechamento do vídeo, essa não pôde ser levada a diante. Já estávamos na ilha de edição há bastante tempo, haviam outros grupos para utilizar o espaço e a disponibilidade dos editores e, para fazer esse mosaico, demandaria um tempo que não possuíamos.

Fizemos uma adaptação para idéia da professora. Ao final do vídeo completo e do que apresentava a Amazônia Urbana (ambos apresentavam a idéia central do projeto) inserimos flashes de imagens das ‘duas Amazônias’, como encerramento. Foi a opção viável diante dos nossos recursos e disponibilidade e, apesar de não ser a idéia original, o resultado foi satisfatório.

E agora, ficamos esperando para ver o programa inteiro – não o “Amazônia que a gente conhece” – mas o ABC Digital. Até lá, tivemos algum tempo livre, pois fomos os primeiros a entregar o vídeo pronto, no prazo correto. Mas não ficamos sem fazer nada, de mãos abanando. Pelo contrário, a nossa missão agora era ajudar os outros grupos nos seus projetos e, por fim, finalizar o ABC Digital.

Ajudamos alguns na decupagem das fitas, outros nas filmagens e na produção de alguns efeitos. Não foi muita a nossa participação no projeto dos outros grupos, até porque cada um estava envolvido demais com seu determinado projeto. Mas tentamos.

Nesse meio tempo ainda havia um impasse em como seriam colocados os créditos dos programas: se somente ao final do ABC, ou se depois do produto. Nesse debate, ocorreram discussões do tipo “se era TV Digital, o telespectador poderia assistir



ao que quiser, e ele pular os créditos”, “mas tem que ter os créditos”, “não pode ser no meio do programa”, entre outros. Por fim ficou decidido por colocar os créditos ao final do programa ABC Digital, com as separações entre os subprogramas do “Amazônia que a gente conhece”, “Bike Som” e “Celular”.

Depois disso, era só aguardar o resultado final.

Surpresa?

Chegou o dia. Todos reunidos para assistir ao já tão famoso ABC Digital. A expectativa era imensa. Os grupos do ABC, do Bike Som e do Celular haviam ficado editando os seus produtos até tarde da noite e, com muito trabalho, conseguimos terminar.

Tensão.

Assistimos a todo o programa ABC Digital, e aos seus extras. Esses últimos eram: dois episódios do Bike Som; e dois episódios do Celular. Como nosso programa foi na íntegra, não assistimos as duas partes separadas, pois não havia necessidade, já que os subprogramas juntos formavam o inteiro.

Após a apresentação, notamos que ainda faltavam alguns ajustes (!). O nosso programa havia ficado com o áudio um pouco mais alto que o ABC como um todo – ainda seria preciso melhorá-lo. Fora isso, o resultado foi bom.

Tínhamos tentado fazer um programa para um meio que ainda não sabíamos (e continuamos sem saber) como é na verdade. Foi um desafio enorme, assim como as dificuldades encontradas para fazê-lo. Apenas assistindo o vídeo dentro do contexto da TV Digital que conseguimos enxergar um pequeno detalhe: mesmo com esforço, nós não fizemos um programa específico para a TV Digital.

O nosso vídeo se mostrou como uma tentativa de adaptar a programação da TV convencional para a digital, com algumas inserções, mas sem ser ‘digital’ completamente. Sem pensar, prever ou programar, fizemos exatamente o que se espera dos primeiros programas a serem veiculados na nova TV: uma ‘tentativa’ de torná-lo digital.

O “Amazônia que a gente conhece” é um programa reduzido (uma das possíveis características para os produtos da TV Digital), possui uma linearidade que pode e foi quebrada em pequenos episódios, além de ter as propagandas dos nossos patrocinadores



fictícios, ambos, possíveis características da TV Digital. Porém, a interatividade sugerida no programa é muito pequena, e essa é o carro chefe da nova TV.

E isso só foi percebido no momento final, quando se pôde ver o resultado no contexto. Sem querer, fizemos o que sabíamos que seria uma das possibilidades do produto: um vídeo que misturasse a TV convencional com a digital, no qual haveria elementos das tuas TVs.

Era esse o desafio. Fazer uma programação para a nova TV e, de certa forma, conseguimos. Não um programa genuinamente digital, já que era impossível devido a nossa pouca habitualidade com o meio, mas uma combinação do ‘passado’ e ‘futuro’.

Podemos dizer que foi uma experiência intensa, de muitos conflitos, expectativas, trabalho, esforço, e frustrações. Não chegamos à TV Digital, mas tentamos, e fizemos o que pudemos diante da nossa realidade. Discutimos o tema da Amazônia, que era o nosso objetivo inicial, mas sem torná-lo ‘digital’ por completo.

Uma falha: fato. Mas que não deixa o nosso Laboratório de Televisão menos importante no que diz respeito às discussões sobre o tema ou à produção de conteúdo, experimental ou não. Foi um trabalho desenvolvido por estudantes universitários, com um objetivo de chegar, quase que literalmente, ao desconhecido, abordando um tema ‘conhecido’ por nós mesmos: a Amazônia, que é afinal onde nós moramos.

Não alcançamos totalmente a nossa meta, mas a experiência do Laboratório foi muito válida. O produto não foi o que gostaríamos, mas a discussão e reflexão a partir do mesmo valeu o esforço.

Referências Bibliográficas

AZEVEDO, M. **Povos indígenas na Amazônia Brasileira:** fontes de informações populacionais e alguns dados demográficos. In: Populações da Pan-Amazônia, Aragón, E. , L. (org.) Naea, UFPA. Belém, 2005.

CASTRO, E. **Populações Quilombolas na Amazônia um olhar sobre o Brasil.** In: Populações da Pan-Amazônia, Aragón, E. , L. Naea, UFPA. Belém, 2005.

CROCOMO, Fernando Antonio. **TV Digital e produção interativa:** a comunidade recebe e manda notícias. Florianópolis. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). 2004.

MONTEZ, Carlos. **TV Digital interativa:** conceitos, desafios e perspectivas para o Brasil. 2 ed. Florianópolis. UFSC, 2005.



NIEMEYER Filho, Aloysio. **Ver e ouvir**. Brasília. Editora Universidade de Brasília, 1997: 125 – 151.

STEINBRENNER, Rosane Albino. **Centralidade Ambiental x Invisibilidade Urbana (ou os novos “Fantasmas” da Amazônia**. In: XI Encontro Nacional da Associação de Pós-Graduação Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional – ENAMPUR, Belém, maio de 2007.